



CAP-UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA

Disciplina: Língua Portuguesa (Produção Textual)

Coord.:

Turmas: 3B e 3C

Professora: Angélica Castilho

Estagiária: Julianna de Campos Brêtas Sellmann

Aluno(a): _____ **nº.:** _____ **Data:**

UNIDADE: artigo de opinião, romance, leitura e interpretação, produção textual.

TEXTO 1

(...)

No dia do Natal, o pai vestiu o uniforme novo, todo engomado e passado, o mesmo que ele vestia todos os dias agora, e toda a família aplaudiu quando ele apareceu assim pela primeira vez. Era mesmo algo especial. Comparado aos outros soldados que entravam e saíam da casa, o pai se destacava, e eles pareciam respeitá-lo ainda mais. A mãe foi até ele, beijou-lhe a bochecha e passou a mão pelo seu peito, comentando como era vistoso o tecido. Bruno ficou particularmente impressionado com todas as condecorações no uniforme e lhe foi permitido usar o quepe por um curto período, desde que suas mãos estivessem limpas ao tocá-lo.

O avô ficou muito orgulhoso ao ver o filho de uniforme, mas a avó parecia ser a única que não estava impressionada. Depois de servido o jantar, e depois que ela e Gretel e Bruno tinham apresentado o seu mais novo espetáculo, ela se sentou, triste, numa das poltronas, e olhou para o filho, balançando a cabeça como se ele fosse uma grande decepção para ela.

“Eu me pergunto – será que foi nisso que eu errei com você, Ralf?”, disse ela.

“Imagino se todas aquelas performances que eu exigi de você o levaram a isso. Fantasiar-se de fantoche.”

“Ora, mamãe”, disse o pai num tom de voz extremamente tolerante. “A senhora sabe que agora não é o momento certo.”

“Você fica aí no seu uniforme”, prosseguiu ela, “como se isso o tornasse alguém especial. Nem se importa com o seu verdadeiro significado. O que ele representa.”

(...)

(BOYNE, John. *O menino do pijama listrado*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2016. p. 59-60.)

TEXTO 2

COMO MANTER A SANIDADE MENTAL DIANTE DE PAIS BOLSONARISTAS?

Talvez as eleições de 2018 tenham sido um marco para algumas famílias brasileiras. Com a vitória de Bolsonaro e a perspectiva do avanço da extrema-direita tenham causado um estrago não só nas relações familiares, mas também na saúde mental dos filhos de pais reacionários. Lembro na época de alguns relatos de amigos próximos tendo embates e discussões violentas com seus pais sobre as ideologias fascistas de Bolsonaro. Eram relatos doídos e carregados de uma completa incompreensão de filhos que não entendiam como seus pais podiam aprovar e endossar tamanha violência dos discursos bolsonaristas. E como se não bastasse todo esse cenário político bélico, tivemos ainda a pandemia e as relações, já abaladas pela política, ganharam um contorno ainda mais trágico.

(...)

A questão é complexa porque a conjuntura familiar, seja ela qual for, nunca é simples. No entanto, vemos uma parte de uma geração que compreendeu que pode escolher com quem quer conviver. Que o distanciamento como estratégia para manter a sanidade mental é um recurso radical, mas possível. E que já não vem acompanhado de culpa, mas de alívio. Neste sentido, o argumento de "mas ele é seu pai" ou "ela é sua mãe" e por isso não se pode romper, parte do pressuposto de que os laços sanguíneos importam mais que o bem-estar mental dos filhos. Será?

(...)

(Texto adaptado. TENÓRIO, Jeferson. *Como manter a sanidade mental diante de pais bolsonaristas?* Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jeferson-tenorio/2023/01/16/como-manter-a-sanidade-mental-diante-de-pais-bolsonaristas.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 13 set. 2023.)

TEXTO 3

A FAMÍLIA É O ESTADO AUTORITÁRIO EM MINIATURA

A política é um exercício de operar com os afetos. Hobbes já falava do medo como uma espécie de cola social que poria fim ao todos contra todos. Afeto que justificaria o monopólio da violência pelo Estado. Mas todo medo vem acompanhado de seu par, a esperança, defendeu Spinoza.

Medo e esperança. Um par que justificou mais de vinte anos de regime autoritário no Brasil. Lembro de uma pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança (2017), que constatou que para 60% dos brasileiros, a maioria de nossos problemas sociais estaria resolvida se pudéssemos nos livrar das pessoas imorais, dos marginais e pervertidos. Sempre um medo para chamar de nosso e justificar líderes valentes em que o povo possa confiar.

Freud falava dessa crença na autoridade, intolerância e confiança de sua força que as massas nutriam de si mesmas. “Ela respeita a força (...) O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência”. Mas será suficiente essa explicação para justificar a naturalização de parcela da sociedade a regimes autoritários?

É claro que há uma série de respostas, mas a mesma pesquisa dá um caminho possível: 81% dos entrevistados concordam que “a obediência e o respeito à autoridade são as principais virtudes que devemos ensinar a nossas crianças”. Essa é uma chave importante para entender os movimentos que antecederam e permearam o golpe de 1964. Pois como sentenciou Wilhelm Reich, “a família é o estado autoritário em miniatura”.

Parece haver uma relação direta com esse modelo de família e os períodos de autoritarismo. Afinal, foi em “defesa da família tradicional” que marcharam os apoiadores do golpe de 64 e de 2016. As “marchas” são exemplos de como uma instituição onde “a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde” exerce papel fundamental na manutenção de regimes autoritários.

Reich destaca, dentre outros temas, a adesão do homem médio ao fascismo e a importância da família nas escolhas baseadas no medo e na repressão. Segundo ele, “temos de considerar a família como a principal célula germinativa da política reacionária (...) Tendo surgido e evoluído em consequência de determinados processos sociais, a família torna-se a instituição principal para a manutenção do sistema autoritário que lhe dá forma”.

É claro que não podemos jogar todo o peso da repressão àquilo que chamamos de família. Mas excluí-la do problema é igualmente ineficiente, pois permeia por todo regime autoritário o discurso de proteção à família tradicional. E não por acaso o atual governo usa dos mesmos argumentos para justificar políticas autoritárias. Por isso o medo de qualquer discussão que envolva trabalho doméstico, machismo, lugares de poder e gênero. Mas é por isso também, que discuti-la é nossa obrigação.

(VERÍSSIMO, Pedro. *A família é o estado autoritário em miniatura*. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-familia-e-o-estado-autoritario-em-miniatura/>> Acesso em: 13 set. 2023.)

PROPOSTA DE ESCRITA:

Baseado nos textos lidos e no livro *O menino do pijama listrado*, escreva um **artigo de opinião** a partir da seguinte indagação: **como reconhecer e lidar com o nazifascismo em ambiente familiar?**

Lembre-se de que um **artigo de opinião** é um texto de base argumentativa que deve apontar seu ponto de vista em diálogo fatos e reflexões sobre o tema desenvolvido.

Ao elaborar o seu texto:

Dê um título;

Use registro formal de língua portuguesa;

Utilize pelo menos dois dos textos da coletânea para fundamentar seu posicionamento diante do tema;

Produza no mínimo 30 linhas, e no máximo 40 linhas;

Faça uma letra legível e utilize caneta preta ou azul.



Título: Produção textual: O menino do pijama listrado e nazifascismo em ambiente familiar.

Use este link para compartilhar ou citar este material: